

## O ENSINO DE GÉNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS EM TIMOR-LESTE

## THE TEACHING OF GENDER AND SEXUALITY IN EAST TIMOR SCHOOLS

Martinho Borromeu

Professor permanente e investigador da Universidade Nacional Timor Lorosa'e

Recebido: 14 de junho de 2018

Aceito: 02 de novembro de 2018

Publicado: 17 de novembro de 2018

# O ENSINO DE GÉNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS EM TIMOR-LESTE\*

Martinho Borromeu\*\*

**Resumo:** Compreender como a sociedade se relaciona com os assuntos de género e sexualidade pode contribuir para a prevenção da violência, para a isonomia de direitos e igualdade de acesso ao mercado de trabalho. Neste sentido a escola constitui-se como um ambiente privilegiado para a reflexão e difusão de conhecimentos acerca das temáticas de género e sexualidade. Este artigo procura contribuir para a compreensão da relação complexa que envolve a escola, a educação, o ensino de género e da sexualidade em Timor-Leste.

**Palavras-chave:** género; educação; sociedade; Timor-Leste.

## THE TEACHING OF GENDER AND SEXUALITY IN EAST TIMOR SCHOOLS

**Abstract:** To understand how society deals with the issues of gender and sexuality can contribute to the prevention of violence, for the equality of rights and equal access to the labour market. In this sense the school constitutes a privileged environment for reflection and diffusion of knowledge about gender and sexual themes. This article seeks to contribute to the understanding of the complex relationship that involves the school, education, gender and sexuality education in East Timor.

**Keywords:** gender; education; society; East Timor.

---

\* Agradeço para a elaboração deste artigo a colaboração por meio da leitura e comentários realizados pelos alunos e assistentes de pesquisa: Antonio Joaquim Fortunato, Ajour Domingos Amaral, Miguel Belo da Silva, Denilson do Rego, Anita Soares, Moises Soares Magno, Alda Correia, Nilton do Rosario, Cristina Soares Fernandes, Zacarias Freitas, Jacquelina Guterres, Canociana dos Santos, Sabino Hornai, Tomasia Faria, Nelía Pereira, Aida dos Santos, Cesaltino de Deus, Eusebio Menezes, Isaias Sarmiento, Dioneia Lemos, Ilda Guterres. Agradeço, também, aos colegas da UNTL pelos comentários e suporte: Duarte da Costa Barreto, Elda Sarmiento, Esmeralda Piedade de Araujo, Luis Maia, Marciana Almeida Soares e Nicolau Borromeu.

\*\* Professor permanente e investigador da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.3.81>

A mais alta exigência de uma obra na tradição científica não é a de apresentar as soluções para as dúvidas e dilemas que nos perseguem na interpretação do mundo social humano; é assim a de oferecer instrumentos para poder pensar à frente, mas adiante, com uma renovada inquietação (...). (Heilborn, 2004, p. 10).

A filosofia, tão conhecida como a mãe de todas as ciências, está repleta de saberes de mulheres que foram poetisas, filósofas, matemáticas, cientistas, guerreiras, escritoras – e muitas outras – que lutaram no universo privado e cujo conhecimento foi ocultado. A filosofia é uma forma de conhecimento sobre o mundo que é produzido ao longo do tempo e caracteriza-se pelo entendimento da realidade, dos indivíduos, dos grupos sociais e do próprio meio ambiente onde vivemos. Em virtude disso, vale o questionamento proposto por Menezes (2004): como é que a filosofia e os filósofos tratam a questão de gênero?

Falar de filosofia e gênero é pensar sobre pessoas (homens e mulheres) que produziram e produzem filosofia de diversos lugares ao longo do tempo. A filosofia ao abordar as questões relacionadas ao ser humano baseia-se numa investigação crítica e racional dos princípios fundamentais relacionados ao mundo e a humanidade. O gênero, em relação à filosofia, é a referência a um conceito construído pelas ciências sociais para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina:

A filosofia, a Ciência Política, a Sociologia, a Antropologia, a História e as Ciências da Educação constituem âmbitos particularmente férteis para a reflexão sobre as relações sociais de gênero, porque o entrecruzamento permite analisar os diversos tipos de agrupamentos sociais que têm acesso aos diferentes modos de produção, circulação e apropriação de saberes, e de que maneira os saberes se articulam com as diferentes formas de exercício de poder na sociedade. (Yannoulas et. al., 2000, p. 434).

A primeira constatação é que muitas das filósofas(os), desde a antiguidade como Safo de Lesbos, até as mais modernas, como Graciela Hierro eram feministas, ou seja, houve e ainda há filósofas feministas. Elas falavam e falam muito de suas condições como mulheres, abordando realidades de seus cotidianos. Muitas, inclusive, fazem críticas fundamentais para a filosofia, analisando

o cotidiano com rigor filosófico. Simone de Beauvoir (2000) escreveu, por exemplo, que a história mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos. Desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência e os seus códigos estabeleceram-se contra elas. Assim, foi que a mulher se constituiu concretamente como o ‘outro’. A este propósito, Louro (2000) comenta o seguinte:

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de género, de sexualidade, de raça, de classe, de religião, etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos “outros” (e sobre os outros), que, nesse caso, somos nós, mulheres. (*Ibidem*, p. 16).

Colocado isto, é importante que compreendamos que a relação entre homens e mulheres necessita de uma abordagem particular. O conceito de género envolve filosoficamente a pessoa em todas as suas dimensões. Por isso, o género não está restrito ao *queer*, mas remete a liberdade da pessoa humana<sup>1</sup>. Neste ponto de vista, Foucault segundo Saffioti (1992), comenta:

[...] a origem do género não é temporalmente discreta precisamente porque o género não é subitamente originado num certo momento no tempo, depois do qual ele adquire uma forma fixa. [...] não se pode traçar o género até uma origem definível, porque ele próprio é uma atividade criadora ocorrendo incessantemente [...] o género é uma maneira contemporânea de organizar normas culturais passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se em e através destas normas, um estilo de viver o corpo no mundo. [...] o género é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. O corpo de uma mulher é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale dizer [...] que o género se constrói-expressa através das relações sociais. (*Ibidem*, p. 189).

Como já sugeriram autoras como Butler (2004), o género é uma construção social e historicamente contextualizada. As diferenças anatómicas e outros diacríticos para caracterizar o masculino e o feminino seriam produções

<sup>1</sup> Para comentários e discussões sobre o conteúdo *queer* conferir, entre outros: Sullivan, 2003; Louro, 2004; Miskolci, 2012.

culturais que podem mudar com o tempo e a sociedade. As pessoas acabam por assumir as características próprias de cada gênero que são determinadas socialmente e as reproduzem nas relações sociais.

Com base nisto, as sociedades acabam por diferenciar homens e mulheres e determinam o que eles podem ou não podem fazer. Isto influencia na divisão do trabalho, nas funções sociais, na distribuição do poder, na mobilidade social, na estrutura hierárquica, nas tarefas domésticas, na maneira como as pessoas recebem educação escolar entre outros.

Portanto, quando se aborda o gênero, está-se a abordar também de algo para além das diferenças biológicas entre homens e mulheres. A questão do gênero pode ser compreendida como um conjunto de ideias e concepções sobre a própria noção de masculino e feminino. E cada sociedade, a partir da sua própria história, constrói os significados atribuídos ao masculino/homem e feminino/mulher.

Uma maneira de socializarmos o debate sobre o gênero talvez seja ensinarmos a temática nas escolas. Entretanto, para que isto seja efetivo, será necessário a participação de todos os educadores neste processo. As ações educativas no campo da formação de profissionais, como o curso sobre gênero e diversidade na escola, são fundamentais para ampliar a compreensão e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito. Conforme Sabat (2010) a educação seria um dos meios mais eficazes para a constituição das questões de gênero e sexuais, pois os artefactos educativos disponíveis em cada sociedade teriam como função com/formar as pessoas de acordo com as normas sociais pré-estabelecidas.

No entanto, é preciso fortalecer o papel da escola para garantir o ensino do gênero e da sexualidade. A escola é o espaço por excelência para abordar assuntos polémicos, inclusive sobre questões de gênero. Para Sayão (1997), a escola:

[...] também se constitui num importante agente nesse campo. Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. (...) As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas

manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (*Ibid.*, p. 112).

Assim, Louro (2003) e Meyer (2003) reforçam que a escola para além de reproduzir e refletir, ela também produz as ideias sobre género e sexualidade existentes em uma determinada sociedade. Isto pode ocorrer por meio das escolhas de conteúdo e materiais a serem trabalhados em sala de aula, pela formação de um currículo, pelas relações hierárquicas entre outros. Desta forma a escola contribui para instituir identidades favorecendo determinados comportamentos, concepções e ideias dos alunos, punindo, por outro lado, aqueles comportamentos indesejáveis e considerados fora do normal.

Mas como deveríamos abordar a questão de género nas escolas? Talvez uma forma seja utilizar exemplos que estejam em sintonia com a realidade dos alunos. Para tal seria importante considerar a faixa etária, nível de maturidade intelectual, aspectos religiosos e culturais. Isto nos remete a possíveis dificuldades como, por exemplo, a qualificação dos professores para ensinarem estes conteúdos de forma contextualizada e respeitando a individualidade dos alunos. Conforme Boarccaech (2016) nas escolas timorenses é comum encontrarmos professores – principalmente das disciplinas relacionadas às artes, humanas e sociais – que lecionam matérias para as quais não possuem qualificação adequada.

Creio que outra dificuldade encontrada para o ensino de género, conforme Borromeu (2017) e Boarccaech (2016), é que a maioria das escolas não possuem materiais didáticos, livros, recursos audiovisuais e estruturas físicas suficientes (salas de aula insuficientes, falta de energia elétrica, condições sanitárias e etc.). Nestes casos, a dificuldade não seria exclusiva às aulas de género, mas configura um problema mais amplo que englobaria todas as demais disciplinas do currículo. O problema, assim, estaria também relacionado com as dificuldades estruturais e de recursos humanos do sistema educacional.

Sobre os possíveis impactos do ensino de género nas escolas, creio que se poderia promover o debate sobre igualdade e desigualdade, um maior senso crítico sobre as regras sociais, a noção de cidadania, assim como ajudaria as pessoas no âmbito do respeito mútuo, particularmente entre homens e

mulheres, ou, neste contexto, entre os meninos e meninas, alunos e alunas. Outro impacto que podemos considerar importante do ensino de gênero nas escolas é a redução da violência contra a mulher na escola e na sociedade.

Para finalizar considero importante oferecer algumas sugestões acerca do ensino sobre gênero e sexualidade nas escolas: 1) o ensino de gênero poderia integrar o currículo base das escolas secundárias. Isto poderia contribuir para que sejam alcançados os objetivos da Lei de Base da Educação, que preconiza a promoção de um processo de ensino que estimula a cidadania, o respeito e o convívio com as diferenças de ideias e de gênero; 2) o ensino de gênero nas escolas precisa ser feito por professores com conhecimentos na área; 3) o ensino de gênero poderá contribuir para que os alunos possam ser agentes de mudança nas suas próprias vidas e na sociedade de forma geral; 4) é preciso preparar profissionais que possam atuar como multiplicadores de conhecimentos na área de gênero e sexualidade entre o corpo de professores das escolas.

## REFERÊNCIAS

Boarcceach, A, et al. (2016). Interfaces entre filosofia e educação: o ensino de filosofia nas escolas secundárias em Timor-Leste. *Revista Diálogos*, vol. 01, Díli: UNTL, pp. 7-36. <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.1.108>

Boarcceach, A. (2017). Power, culture and social order: perspectives and manifestations in Timorese society. *Revista Diálogos*, vol. 02, pp. 29-50. <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.2.95>

Borromeu, M., et. al. (2017). A importância e a necessidade do ensino de Filosofia nas escolas secundárias em Timor-Leste: uma reflexão crítica a partir de substratos teóricos e pesquisa de opinião em três regiões do país. *Revista Diálogos*. vol. 02, pp. 159-168. <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.2.105>

Bouvoair, S. de. (2000). *O Segundo Sexo. 1. Fatos e Mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York, London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203499627>

- Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: Gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond
- Louro, G. L. (2000). (Org). *O Corpo Educado*. Pedagogias da Sexualidade. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2003). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5.ed. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2004). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Menezes, M. M. (2004). Por que as mulheres e a Filosofia? In: M. J. S. Carvalho, & C. M. Famer (Orgs.), *Produzindo Gênero*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Meyer, D. G. (2003). Escola, currículo e diferença: implicações para a docência. In: R. L. L. Barbosa (Org.), *Formação de educadores: desafios e perspectivas*. São Paulo, Unesp, pp. 257-265.
- Miskolci, R. (2012). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Sabat, R. (2010). Gênero e sexualidade para o consumo. In: G. Louro, J. F. Lopes, & S. Goellner (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Saffioti, H. I. B. (1992). Rearticulando Gênero e Classe Social. In: C. Bruschini, & A. O. Costa (Orgs.), *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Sayão, Y. (1997). Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: J. G. Aquino (Org.), *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, pp. 107-118.
- Sullivan, N. (2003). *A critical introduction to queer theory*. Nova York: University Press.
- Yannoulas, S. C., Vallejos, A. L., & Lenarduzzi, Z. V. (2000). Feminismo e academia. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Inep/Mec. vol. 9. set./dez. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.81i199.957>

Direitos Autorais (c) 2018 Martinho Borromeu



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)